

A literatura brasileira contemporânea

Na abertura da Feira do Livro de Frankfurt em 2013, que teve o Brasil como país homenageado, o escritor Luiz Ruffato fez um discurso extremamente provocador, seja pelo desconforto político causado no momento, seja pelas implicações dos questionamentos éticos que continuam reverberando. O eixo central do texto era a pergunta: “o que significa habitar essa região situada na periferia do mundo, escrever em português para leitores quase inexistentes, lutar, enfim, todos os dias, para construir, em meio a adversidades, um sentido para a vida?” Ao propor essa reflexão, listando as inúmeras mazelas sociais que assolam a realidade brasileira, o discurso de Ruffato interroga a função da própria literatura, apostando, ainda, em seu poder transformador – não com a ingenuidade dos anos 1960, mas ciente dos enfrentamentos e da complexidade dos dias de hoje.

Durante anos a literatura brasileira ocupou um espaço de periferia da periferia, ou seja, dentro do espectro da literatura latino-americana, já periférica, encontramos ainda uma outra periferia, inclusive com outra língua (periférica mesmo dentro do espaço geográfico europeu). O que esperar, então, aqui de fora, desta literatura? Obviamente, o retrato do exótico, do país do carnaval, do futebol, das praias e do samba, das mulatas, dos malandros e roceiros, de uma gente “simples”, sempre alegre e rodeada pela natureza exuberante dos trópicos.

O discurso de Ruffato, no entanto, lança luz sobre as ilusões, e os estereótipos, que recobrem o Brasil visto de longe (e, às vezes, de muito perto, também). Evidenciando os paradoxos característicos do país, o escritor acredita que as possibilidades políticas da literatura brasileira, hoje, estariam vinculadas à necessidade de uma abertura para a alteridade: “Voltamos as costas ao outro – seja ele o imigrante, o

pobre, o negro, o indígena, a mulher, o homossexual – como tentativa de nos preservar, esquecendo que assim implodimos a nossa própria condição de existir”. Voz de um país múltiplo, complexo, dividido, plural, a literatura brasileira pode ajudar a repensar conceitos e ideologias, desde que estejamos atentos, justamente, à sua diversidade de perspectivas.

Neste sentido, o que Ruffato nos apresenta é como a literatura brasileira contemporânea, ao tratar de questões profunda e historicamente entranhadas no país, pode dialogar com outras experiências e com outras expressões dessas experiências ao redor do mundo, já que está, em última instância, tratando de questões éticas e existenciais relevantes para diferentes populações, estejam elas fixas em seus territórios, ou em constante deslocamento.

No texto da chamada para artigos para este número de *Brasiliانا – Journal for Brazilian Studies* reconhecemos, como ponto de partida, que a literatura brasileira contemporânea multiplicou-se em uma pluralidade de vozes e que sua marca mais evidente tem sido uma heterogeneidade de difícil delimitação. Como consequência desta multiplicidade, também tivemos artigos com uma grande diversidade de análises, que focalizaram tanto questões mais gerais, relativas ao campo literário brasileiro, quanto leituras em profundidade de obras e autores específicos.

Os artigos do dossiê Literatura Brasileira Contemporânea captaram, assim, a dinâmica de vozes desta produção literária que não apenas abre-se a novos modos expressivos e incorpora recursos e estratégias provenientes de outras linguagens artísticas, mas também posiciona-se criticamente frente às transformações sociais e políticas pelas quais o país vem passando. A inclusão de expressões de geografias sociais historicamente subalternizadas e a ruptura com o par antitético centro-periferia é outra característica desta produção literária e que aparece refletida neste dossiê. De

certa forma, portanto, estes artigos lidam com questionamentos lançados por Ruffato em seu discurso para a Feira do Livro de Frankfurt e contribuem significativamente para este debate.

E o forte desta edição foi mesmo a literatura. Mesmo na sessão de artigos de temática geral, este número de *Brasiliana* traz três artigos sobre autores e obras da literatura brasileira discutindo problemas que transcendem aspectos puramente literários e fazem dialogar história, política e identidade nacional com a literatura. Dois outros artigos completam esta sessão, um sobre cinema e outro analisando o racismo no Brasil.

Uma novidade neste número, e que o faz mais especial, é a antologia que compõe a sessão Varia. Uma pequena mostra de textos inéditos de importantes escritoras e escritores de diferentes regiões do Brasil (e mesmo vivendo no exterior), com diferentes dicções e diferentes experiências de vida. São textos de prosa e poesia, exemplos claros da pluralidade que ressaltamos e que marcam a riqueza e a importância da literatura brasileira atual.

Finalmente, quatro resenhas completam esta edição.

Agradecemos a todos os que fizeram possível mais este número, em especial aos autores que escolheram *Brasiliana* para exporem suas pesquisas, e aos escritores que compartilharam seus textos. Especial agradecimento à artista plástica Cristine Borowski, pela ilustração da capa. Agradecemos, ainda, aos leitores, que dão significado à revista.

Regina Dalcastagnè
Vinicius Mariano de Carvalho